

Trajatória de Edith Magalhães Fraenkel

The trajectory of Edith Magalhães Fraenkel

La trayectoria de Edith Magalhães Fraenkel

Joel Rolim Mancia

Enfermeiro. Mestre em Enfermagem. Aluno do Curso de Doutorado em Enfermagem da Universidade Federal de Santa Catarina. Professor Substituto da Escola de Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Servidor Público da prefeitura Municipal de Porto Alegre, Porto Alegre, SP. Membro do Grupo de pesquisa GEHCE.

Maria Itayra Coelho Souza Padilha

Enfermeira. Doutora em Enfermagem. Professor Adjunto do Departamento de Enfermagem e Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC. Pesquisadora do CNPq. Membro do Grupo de pesquisa: GEHCE.

RESUMO

Trata da história de vida de Edith de Magalhães Fraenkel no cenário da Enfermagem brasileira a partir do início do século 20. Descreve a personagem na vida profissional e no seu cotidiano, privilegiando sua trajetória junto à Associação Brasileira de Enfermagem. Para este itinerário foram utilizadas as entrevistas do acervo Fontes da História da Enfermagem da ABEn e da coleção pessoal de um dos autores, bem como livros, atas, artigos de periódicos. Considera que Edith foi uma liderança de longa duração na história da Enfermagem e, que sua vida se confunde com a história da profissão no período que comandou a cena da enfermagem brasileira, especialmente desde a década de 20 até meados de 50.

Descritores: Biografia; História da enfermagem; Sociedades de enfermagem.

ABSTRACT

This article is about Edith Magalhães Fraenkel's life in the scenario of Brazilian Nursing in the XX Century. It describes the professional life in the context of her daily life, focusing her trajectory in the Brazilian Nursing Association (ABEn). The research method used interviews from the ABEn's collection of History of Nursing and also the author's personal collection, as well as books and journals articles. Edith was a leader of long duration in Brazilian Nursing history and her life is mixed with the professional history in her leading period, especially from 1920 to 1950.

Descriptors: Biography; History of nursing; Nursing societies.

RESUMEN

Este artículo trata de la vida de Edith Magalhães Fraenkel en el cenario de Enfermería Brasileira en el Siglo XX. Describe la vida profesional en contexto de su vida al día a día, enfocando su trayectoria en la Asociación Brasileira de Enfermería (ABEn). El método de investigación usó las entrevistas de la recolección de Historia de la Enfermería de la ABEn así como la recolección personal de los autores, libros y artículos de periódicos. Edith ha sido una líder de gran duración en la historia de la Enfermería Brasileira y su vida es mezclada con la propia historia profesional durante el periodo de su gestión, especialmente de los años 1920 al 1950. Responde a los materiales asistenciales, mas utilizados por el equipo de enfermera.

Descriptores: Biografía; Historia de la enfermería; Sociedades de enfermería.

Mancia JR, Padilha MICS. A trajetória de Edith Magalhães Fraenkel. Rev Bras Enferm 2006; 59(esp): 432-7.

INTRODUÇÃO

A vida toda é cheia de tensões, eu acho que é do viver, mas seria sem graça, também, se a gente não tivesse problemas para resolver⁽¹⁾.

O presente estudo faz parte do projeto: Recuperação da memória da Associação Brasileira de Enfermagem (ABEn), que em uma de suas fases se dedica em reconstruir a biografia das presidentes da ABEn, desde os primórdios de sua criação oficial em agosto de 1926 até o momento atual. Nesta trajetória, Edith de Magalhães Fraenkel, como presidente pioneira da ABEn é figura essencial para este estudo, tanto pela sua atuação na construção da identidade da Enfermagem moderna brasileira, bem como pelos rumos tomados pela ABEn.

Edith Magalhães Fraenkel é considerada de forma unânime como uma personalidade marcante na história da Associação por sua liderança, visão de futuro refletida em sua atuação e capacidade de agregar as enfermeiras em torno de seus ideais o que a tornou uma liderança de longa duração na história da enfermagem brasileira⁽²⁾.

Embora as relações entre biografia e história sejam ambíguas e sujeitas a controvérsias, no caso da história das profissões, parece pertinente o estudo de algumas figuras que atuaram direta e continuamente em certas questões ou que exerceram influência considerável no delineamento de diretrizes e tendências⁽³⁾.

Edith Magalhães Fraenkel nasceu em 9 de maio de 1889, no bairro de Santa Thereza no Rio de Janeiro, antiga Capital da República. Neta pelo lado materno do líder republicano Benjamin Constant Botelho de Magalhães. Considerada como uma situação de distinção que certamente lhe favorecerá durante toda a vida, para abrir espaços sociais e políticos na profissão de Enfermagem, devido a sua cultura incomum, oriunda de seu parentesco ilustre e de suas inúmeras viagens. Tal condição lhe proporcionou um capital social relevante⁽⁴⁾.

Com a idade de dois anos parte com a família para a Alemanha, acompanhando o pai, que havia sido nomeado cônsul do Brasil em Berlim. Permanecendo fora do país por mais de uma década. Assim, iniciando sua alfabetização em outro país⁽⁵⁾.

Retorna ao Brasil com a idade de 14 anos, podendo-se dizer que está visitando seu país de origem pela primeira vez⁽⁵⁾. Seu pai, exercendo o cargo de diplomata, com frequência mudava de residência, de forma que Edith viveu e estudou em outros países, como Suécia e Uruguai. Nestes países aprendeu a língua local, além daquela oficial nas embaixadas, o francês. Porém, no ano de 1906, com a morte do pai, vem definitivamente, com sua família e fixa residência no Rio de Janeiro⁽⁶⁾.

O pai de Edith desejava que a filha seguisse a carreira médica, uma vez que sua família era de médicos e advogados, profissões de grande destaque social à época. Porém, com a morte do pai e as dificuldades financeiras enfrentadas por sua mãe, viúva, Edith completou o curso Normal e foi lecionar em uma escola particular no Bairro de Santa Thereza. A diretora dessa escola era cunhada de Maurício de Abreu, secretário do Departamento de Saúde Pública. Deste modo, Edith tomou conhecimento da existência do curso para visitadoras sanitárias da Cruz Vermelha Brasileira. Conclui, em 1918, o curso da Escola Prática de Enfermeiras da Cruz Vermelha, destinado ao preparo de socorristas voluntárias para atender aos feridos da primeira Grande Guerra⁽⁵⁾. Este conhecimento lhe dá subsídios para atuar intensamente na epidemia de Gripe Espanhola que se alastra no Rio de Janeiro naquele mesmo ano. Em reconhecimento pela sua atuação, nesse episódio recebe o título de sócia remida da Cruz Vermelha Brasileira⁽⁵⁾.

No ano seguinte, iniciou o "Curso para visitadoras do serviço de tuberculose", visando complementar seus estudos em saúde pública e fortalecer a sua instrumentalização para atuar no combate às doenças infecto-contagiosas. Neste tempo assolavam o país: Tuberculose, Cólera, Febre amarela e Sífilis, influenciando negativamente as relações do Brasil com o comércio exterior⁽⁵⁾.

Em 2 de setembro de 1921, chega ao Brasil, trazida por Carlos Chagas, Diretor do recém criado Departamento Nacional de Saúde Pública- DNSP, a enfermeira norte-americana Ethel Parsons (EP), do serviço Internacional de Saúde da Fundação Rockefeller que passou a chefiar a Missão Técnica de Cooperação para o desenvolvimento da Enfermagem no Brasil. Esta iniciou cursos intensivos de visitadoras de Higiene, no qual foram aproveitadas algumas visitadoras do Serviço de Combate à Tuberculose, dentre elas Edith, agora como chefe do Serviço de Visitadoras⁽⁵⁾.

EDITH ENFERMEIRA

Em fins de 1921, Ethel Parsons promoveu uma aproximação com Edith Magalhães Franckel quando a convidou para palestras, refeições em comum e para fazer o curso completo de enfermagem em nível superior nos Estados Unidos⁽⁵⁾. Percebe-se neste discurso que Edith era vista pelas enfermeiras da Missão Americana no Brasil como uma personagem capaz de reproduzir o modelo preconizado por estas, já que Edith Magalhães

Fraenkel tinha incorporado ao seu *habitus* as condições necessárias para se tornar uma enfermeira nos moldes anglo-americanos⁽⁷⁾.

Edith vivenciava uma vida social de distinção, pois nesta época já era enfermeira-chefe do Serviço de Visitadoras da Inspetoria de Tuberculose do Departamento Nacional de Saúde Pública-DNSP, cargo para o qual havia sido nomeada logo após a conclusão do curso de visitadora, com a idade de 29 anos⁽⁵⁾.

As Enfermeiras americanas oferecem a ela a oportunidade de fazer o curso de graduação em enfermagem nos Estados Unidos. Esta embarca para os Estados Unidos, em 1922, com a idade de 33 anos a fim de realizar o curso superior de enfermagem na Filadélfia. (Edith Magalhães Fraenkel teve destaque na atuação como aluna, principalmente pelo domínio do inglês, motivo de elogios pela diretora da Escola. Ali conhece Lillian Clayton, professora (Escola de Enfermagem da Filadélfia) de ética que terá profunda influência em sua carreira. Edith, a partir de então, assume a premissa de que uma profissão para se firmar necessitava da uma Associação e de uma Revista.

O investimento em sua formação atendia o interesse de Ethel Parsons (chefe da Missão Americana que veio para o Brasil em 1921 e permaneceu até 1931), de torná-la superintendente do Serviço de Enfermeiras do DNSP, quando esta deixasse o Brasil, o que ocorreu em 1928⁽⁷⁾.

Edith Magalhães Fraenkel retorna ao Brasil, em 1925, com o diploma de enfermeira, registrada no Departamento de Saúde Pública dos Estados Unidos, sendo, também, a primeira enfermeira brasileira. Aqui chegando, imediatamente é nomeada instrutora da Escola de Enfermeiras Anna Nery (EAN) em substituição a uma professora americana⁽⁵⁾.

A enfermeira Edith, ao que parece, por ser formada no exterior, não era bem vista pelas enfermeiras nativas formadas na EAN. Apresentava uma condição que a colocava em melhor posição no campo profissional, considerando que dominava várias línguas⁽⁸⁾, tinha formação rigorosa, vinha de família ilustre, detentora de grande capital cultural. Assim, sua liderança era questionada porque não havia formado seu *habitus* profissional na EAN⁽⁴⁾. Nesta condição diferenciada, este *habitus* profissional ao tempo que era prestígio, também lhe causava constrangimentos, porque estava muito mais próxima das enfermeiras americanas que também tinham um capital cultural reconhecido.

Após a diplomação da turma pioneira da EAN, em 1925 a idéia da criação de uma associação de ex-alunas era conveniente tanto à Escola, que manteria um certo controle sobre o conjunto das enfermeiras por ela diplomadas, como às ex-alunas que, ao seu diploma agregariam o capital cultural referente às credenciais de membro de uma associação profissional ligada a uma instituição de prestígio como a EAN⁽²⁾.

A tradição reconhece como 12 de agosto a data de fundação da Associação de 1926. Antes, porém, se discutiu muito a característica da Associação ser vinculada diretamente EAN, sendo, portanto, uma Associação de ex-alunas o que, de certa forma, excluiria Edith Magalhães Fraenkel, porque esta havia se graduado no exterior, na Escola de Enfermagem do Hospital Geral da Filadélfia. Bem como Raquel Hadock Lobo, também com formação fora do Brasil, mais especificamente, em Paris, na *École des Enfermières de L'Assistance Publique*, ou uma organização de enfermeiras diplomadas, vencendo esta última proposta^(3,8-12).

Assegurando este argumento, encontramos o depoimento de Edméia Cabral Velho, que acompanhou Edith desde os primórdios da Associação até 1938, a qual em carta para subsidiar o histórico da ABEn, informa que Edith se envolveu com a criação da ABEn desde 1926. E que Ethel Parsons fez grande pressão em Edith para concretizar a Associação (2 Carta que conta a história da origem da ABEn entre 1926 e 1938. O documento se encontra na caixa do Documentário da ABEn, na sede da Associação em Brasília.

Desta forma Edith Magalhães Fraenkel inicia sua atuação na vida associativa, ainda que sofra muitas restrições das enfermeiras brasileiras devido a presença da liderança americana. Mesmo que tenhamos poucos

registros do período inicial da Associação, em 1927, foi eleita a 1ª diretoria da Associação Nacional de Enfermeiras Diplomadas (ANED), tendo como presidente Edith Magalhães Fraenkel, sendo que no período entre 1927 e 1929 as condições de funcionamento da ANED não estão muito claras nos documentos analisados, e, ao que parece com muita influência das enfermeiras americanas da Missão Parsons. Neste ano Edith Magalhães Fraenkel reorganizou a ANED, porque iria solicitar sua filiação ao Conselho Internacional de Enfermeiras (CIE), solicitação atendida no 8º Congresso Internacional do CIE, realizado em Montreal em 1929, ocasião em que Edith representou o Brasil. Também, nesse mesmo ano providenciou o registro da ANED em cartório e comprou um terreno na Ilha do Governador, Rio de Janeiro destinado à construção da Casa da Enfermeira (propriedade que foi vendida no ano de 1999. Teve vários projetos de construção, nenhum se concretizou).

Importante salientar que no ano de filiação ao CIE a Associação passou a se chamar: Associação Nacional de Enfermeiras Diplomadas Brasileiras, por exigência desse Conselho⁽⁸⁾.

Em Montreal, onde ocorreu o Congresso do CIE, Edith também participou da reunião de editoras de revistas das organizações membros da entidade. Neste momento surgem as primeiras discussões para criar uma revista de enfermagem no Brasil. Nascia assim, no Canadá a idéia de publicar *Annaes de Enfermagem*, primeira revista de enfermagem brasileira. Isto acontece em 1929 e, no próprio hotel em que estavam hospedadas as enfermeiras brasileiras, juntamente com Edith Magalhães Fraenkel, fazem uma reunião e delineiam como deverá ser o periódico, que teria seu primeiro exemplar publicado em 1932. A Publicação se viabiliza com a doação do papel para impressão feita por Rachel Haddock Lobo, editora da revista⁽¹²⁾.

É editado, assim, o primeiro número da Revista *Annaes de Enfermagem*, da qual Edith Magalhães Fraenkel foi idealizadora e incentivadora. Recebeu como homenagem das enfermeiras da ANED, uma estatueta de uma coruja sobre um pedestal, no qual estava escrito 1º Volume⁴ (A relíquia se encontra hoje na casa de Vitória Secaf (Professora aposentada da Escola de Enfermagem da USP), confiada por Amália Correa de Carvalho (Professora da Escola de Enfermagem da USP; Presidente da ABEn de 1968 a 1972), que havia recebido da própria Edith). Waleska Paixão em seu livro *História da Enfermagem* questiona se foi realmente uma pessoa somente a responsável pela criação da revista. Em carta acompanhando a estatueta, Edith coloca que a coruja é a prova de que ela foi a idealizadora da revista, visto que o presente foi-lhe dado pelas enfermeiras como agradecimento por sua concretização⁵. (Documentos da ABEn, caixa ano 1968.)

OS ANOS TRINTA

Designada, em 1928, como Superintendente do Serviço de Enfermeiras do DNSP sem interrupção do exercício dos cargos anteriores, Edith Magalhães Fraenkel ocupava cargo de destaque, porque a EAN era subordinada ao DNSP. Logo depois, assumiu o cargo de Superintendente do Serviço de Enfermagem da Diretoria Nacional de Saúde Pública e Assistência Médica Social, sendo que dois anos depois foi Superintendente do Serviço de Enfermeiras do Ministério da Educação e Saúde. Hábil politicamente, participou na elaboração de subsídios ao decreto 20.109/1931⁶, (Decreto que instituiu o Padrão Anna Nery para implantação de escolas de enfermagem no Brasil.) conseguindo inserir, neste, a presença da ABEn na Comissão de validação de diplomas de enfermeiras com formação no exterior⁽⁹⁾. Como pode-se ver na seguinte citação: Artigo 3º. A banca a que se refere o artigo 1º deverá constar: da Direção da Escola de Enfermeiras Ana Nery, de duas enfermeiras diplomadas indicadas pela diretoria da Associação Nacional de Enfermeiras Diplomadas Brasileiras, de (dois) professores da Escola Ana Nery, dos quais um médico e outra enfermeira, ambos indicados pela superintendência geral do Serviço de

Enfermeiras do Departamento Nacional de Saúde Pública⁽¹³⁾.

Trabalhou intensamente pela campanha do voto feminino a convite da deputada, feminista, Bertha Lutz a qual, em 1918, assumiu a liderança do movimento feminista no Brasil, tendo lutado em favor do direito do voto para as mulheres e contra a incapacidade civil da mulher casada. Ela criou a Liga para Emancipação Intelectual da Mulher no Brasil. Recebeu o título de sócia honorária da ANEDB no ano de 1938, sendo este o primeiro título concedido pela entidade.

Depois de longa campanha saem vitoriosas, concluindo-se, assim, a luta pela conquista do voto feminino no Brasil, no ano de 1934⁽¹¹⁾. Vale ressaltar a importância do movimento feminista para a enfermagem brasileira quando graças a sua interferência conseguiu que a Escola Ana Néri fosse incorporada a Universidade do Brasil, atual Universidade Federal do Rio de Janeiro, em 1937⁽¹⁴⁾.

Nesta mesma época colaborou no anteprojeto de Regulamentação da Profissão de Enfermeiros Sanitários da Marinha Mercante e idealizou e ajudou a fundar o Serviço de Obras Sociais (SOS), organização filantrópica que funciona até hoje, no Rio de Janeiro. No mesmo ano organizou o corpo discente da Escola Profissional de Enfermeiros do Hospital Psiquiátrico do Rio de Janeiro⁽⁵⁾. No final de 1938 deixa a presidência da ABEn, depois de quase doze anos. No entanto, logo depois foi escolhida como presidente da Comissão de Estatuto da Associação. Deixa em seu lugar uma nova liderança, Hilda Anna Kirsch, que permanecerá como presidente da Associação até 1941⁽¹⁵⁾. Neste ano, Edith foi reeleita para presidente da Associação Nacional de Enfermeiras Diplomadas Brasileira (1941-1943). A sede da entidade é levada para São Paulo, domicílio da presidente: "As atividades da ABEn passaram quase todas para São Paulo, sob a liderança de Edith, auxiliada por Ella Hasenjaeger (Enfermeira do *Institut of Inter-American Affairs*, a serviço da Escola de Enfermagem da USP) com o concurso das docentes da Escola de Enfermagem da USP e das enfermeiras do Hospital de Clínicas, e com a colaboração da Escola de Enfermeiras do Hospital São Paulo. Escola de Enfermagem de São Paulo passou a ser o centro irradiador de onde partiam as iniciativas mais arrojadas"⁽⁹⁾.

O PERÍODO QUE ESTEVE EM SÃO PAULO (1941-1955)

Em 1940 Edith Magalhães Fraenkel foi ao Estados Unidos com bolsa da Fundação Rockefeller para realizar estudos complementares. Lá permaneceu durante quase dois anos e recebeu o convite para criar, organizar e dirigir a Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo. Em agosto de 1941 Edith retornou ao Brasil e, em novembro, foi comissionada pelo Governo Federal junto à Universidade de São Paulo. No final do ano seguinte, foi nomeada pelo Governo de São Paulo diretora da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo, criada através do decreto estadual n. 13.040 de 31 de outubro de 1942⁽¹⁶⁾.

Em 13 de outubro de 1943 Edith proferiu a aula inaugural da Escola de Enfermagem na presença de autoridades, funcionários e 38 professores normalistas, primeira turma de alunas⁽⁹⁾.

Nascia, assim, uma das escolas mais importantes na formação do pensamento da Enfermagem brasileira, se constituindo em um novo centro difusor da profissão no Brasil, que vai exercer profunda influência na organização de novas escolas no país⁽¹⁶⁾.

De acordo com o relatório apresentado por Edith sobre as atividades da Escola em 1948, o SESP e a Fundação Kellogg eram de parecer que "(...) deveria ser esta Escola o centro de irradiação para o ensino de Enfermagem (com a Fundação Kellogg foi planejado um programa a curto e a longo prazos, destinado ao aperfeiçoamento das docentes em universidades norte-americanas, com bolsas de estudo por ela outorgada. Outras entidades internacionais colaboraram nesse programa: Fundação Rockefeller, *Institut of Inter-American Affairs* e Organização Sanitária Panamericana"⁽⁹⁾) curso básico e pós-graduação, não só para o Brasil

como também para a América do Sul". Edith Magalhães Fraenkel visitou Recife para estudar a viabilidade de instalação de uma escola de enfermagem. Graças à excepcional clarividência de Edith Fraenkel a Escola pode contar, a partir de 1950, com um corpo docente capaz de desempenhar-se com grande eficiência nas atividades relacionadas com a finalidade, (...) não apenas preparar moças de boa condição social e intelectual, com marcada vocação para contribuir eficientemente para o desenvolvimento da medicina preventiva mas, também, torná-las apta a prestar cuidados técnicos de enfermagem a doentes hospitalizados ou em domicílio, o estabelecimento de outras escolas no Estado ou melhorar as já existentes e instituir cursos pós-graduados⁽¹⁶⁾.

CONGRESSO PAN-AMERICANO DE ENFERMAGEM

Em 1942, por ocasião da realização do Congresso Pan-Americano de Enfermagem, em Santiago do Chile, discutiu-se a criação de uma Federação Pan-Americana de Enfermagem, entendida como uma estratégia para o fortalecimento da enfermagem americana em nível internacional, possibilitando assim o ingresso de associações nacionais latino-americanas no CIE. A futura organização passa a fazer parte da agenda de discussões do CIE. Em 1947 Edith foi eleita uma das presidentes da Comissão de Estatuto da futura Federação Pan-americana de Enfermeiras. No ano seguinte foi indicada para Presidente da Federação Interamericana de Enfermagem, recém criada, bem como para elaborar estatutos e estruturá-la⁽¹⁶⁾. Em 1949 no Congresso do CIE em Estocolmo¹⁰, (Nessa ocasião foi acertado que o próximo Congresso do CIE seria no Brasil, em Petrópolis.) recebe a incumbência de levar avante o projeto da Federação Latino-americana. O projeto vinha sendo discutido de longa data, mas infelizmente, não se concretizou (Federación Panamericana de Profesionales de Enfermería-FEPPEN, fundada em 1970, durante o IX Congreso Interamericano de Enfermeras e o Iº Congreso de la Federación Panamericana com o tema: "Estatuto y Reglamentos de la Federación". Teve lugar na cidade de Caracas, na Venezuela. Atualmente congrega 19 países e tem sede na cidade do México, junto ao Colégio Mexicano de Enfermeiras).

A REVISTA BRASILEIRA DE ENFERMAGEM

Em 1944, ao ser eleita redatora-chefe da *Revista Anaes de Enfermagem* da ABED, começa uma nova etapa na vida da revista. Estava fora de circulação desde 1941, devido aos altos custos para a ABED do papel importado pois estávamos em plena Segunda Guerra e esta era um das conseqüências. Assim, foi interrompida a impressão da revista. Edith se empenha na reorganização do periódico e consegue editá-lo, a partir de 1946. Desta forma, ressurgiu a Revista dando continuidade a sua numeração seqüencial de volumes, com nova capa e outras modificações que lhe davam um aspecto mais moderno⁽¹²⁾.

No pós Guerra a Associação se encontrava em situação de insolvência pois os recursos eram escassos, o quadro de sócias era de apenas 60 enfermeiras⁽⁶⁾. Em vista disto um grupo de enfermeiras lideradas pela Escola de Enfermagem da USP começou a mobilizar-se para a criação de uma associação estadual autônoma, na cidade de São Paulo. De fato, no ano seguinte, em 4 de abril de 1945 surge como ABED, Seção de São Paulo. Para organizar e dirigir os trabalhos da nova associação é escolhido o nome de D. Edith de Magalhães Fraenkel, que nas eleições ocorridas na 2ª reunião da Associação, se tornou a 1ª Presidente da Seção⁽¹⁷⁾.

A intenção de Edith era criar uma Associação de Enfermeiras paulistas, independente da ABED, mas Haydée Guanais Dourado, presente em reunião específica para este fim, faz defesa da unidade da profissão bem como da possível exclusão do CIE da nova organização, porque já havia uma entidade brasileira filiada⁽¹⁸⁾.

Esta seria a primeira Seção a ser criada fora do Estado do Rio de Janeiro em 1945, denominada de "Associação Paulista de Enfermeiras Diplomadas", sob a Presidência de Edith Fraenkel. A idéia dessa primeira era de que as associações que se formassem à *posteriori*, deveriam receber o nome do Estado a que pertencessem. Sabiamente, Haydée Guanais Dourado, era contrária a esta posição, afirmando que o "nome" deveria ser mantido o de Associação Brasileira de Enfermeiras Diplomadas (ABED) acrescido da seção correspondente ao Estado em que fosse criada, como um modo de garantir a força e a unidade no trabalho da entidade⁽⁸⁾.

Por outro lado, pode-se inferir que Edith estava mais interessada em combater suas adversárias e, para isso, utilizou essa estratégia como uma ameaça. Ou como uma prova de seu poder, pois provocou reação imediata nas colegas em defesa da unidade da organização nacional⁽⁸⁾.

CONGRESSO NACIONAL DE ENFERMAGEM

O Congresso Nacional de Enfermagem manteve este nome até a realização do VIII, a partir do IX realizado em Porto Alegre em 1956 passou a se denominar Congresso Brasileiro de Enfermagem⁽¹¹⁾.

Edith Magalhães Fraenkel, presidente da seção São Paulo, enviou à presidente da ABED, em outubro de 1946, Zaira Cintra Vidal, um convite para um congresso (I Congresso Nacional de Enfermagem, em março de 1947, com participação de 112 congressistas) de enfermagem, que se realizaria no ano seguinte, na EE da USP, cuja programação científica estava sendo organizada pelas divisões de educação e de saúde pública da ABED. No entanto, em dezembro de 1946, Laís Neto dos Reis, diretora da EAN e Coord. da Comissão de Educação da ABEN, em reunião da divisão de educação, protestou contra a exclusão da EAN dos preparativos do congresso, assim ficando claro, na ocasião, as divergências entre as duas lideranças, Edith e Laís Netto dos Reis, católica e diretora da EAN⁽²⁾.

(...) *nesses primórdios da Associação e, portanto da EAN (...) eu pude compreender muito melhor, como era aquela dinâmica e, até essa rivalidade que tem, EAN com a USP. Isto você só entende, quando entende a trajetória da Edith Magalhães Fraenkel*⁽⁹⁾.

"Essas reuniões também deixaram evidente a emergência de outras lideranças na enfermagem, representadas pelas diretoras das escolas católicas e da Escola de Enfermagem de São Paulo, que sob os auspícios do SESP e FR, concorriam diretamente com a EAN pela enunciação do discurso autorizado no campo da educação em enfermagem"⁽²⁰⁾.

A criação do Congresso, em território de liderança de Edith, nos parece que explícita uma importante vitória desta enfermeira, visto que nas reuniões de diretoras ela questionava muito a prerrogativa de somente uma escola ser responsável pela avaliação da implantação de escolas e, ao mesmo tempo o modelo a ser seguido⁽²⁰⁾. Tanto, que a partir da Lei 775/49 tal quesito deixa de existir, passando essa função para o Ministério da Educação⁽⁷⁾.

No entanto, o "I Congresso Nacional de Enfermagem", realizado pela recém criada seção de São Paulo da ABED, foi um acontecimento que marcou época, prestigiado pela presença de autoridades da área da educação e da saúde. Este deu início a uma série de encontros semelhantes, onde problemas educacionais e do exercício profissional passaram a ser amplamente debatidos pelas enfermeiras de todo o país". Constituiu a conseqüência natural das reuniões que vinham sendo realizadas pelas diretoras de escolas através da Divisão de Educação da ABED, sob a presidência de Edith Fraenkel. O Congresso representou, na verdade, a ampliação dos objetivos dessas reuniões e das realizadas pela Divisão de Saúde Pública, da mesma Associação⁽⁹⁾.

Durante a sua gestão realizou o "II Congresso Nacional de Enfermagem" no Rio de Janeiro em 1948. Ao final do II Congresso, em julho de 1948, Edith Magalhães Fraenkel inicia seu terceiro mandato como presidente na Associação, ainda como diretora da EE da USP⁽⁵⁾.

Instalou no Brasil o III Congresso Nacional de Enfermagem no Rio de Janeiro e o IV Congresso Nacional de Enfermagem em Salvador-Bahia em dezembro de 1950, com o lema *Trabalhemos para fortalecer a Enfermagem nas Américas*. Nos temas oficiais foram discutidos os desdobramentos da nova lei do ensino 775/49; o surgimento das especialidades; a organização da enfermagem em nível internacional e o programa de cooperação Brasil-EUA. Além disso, representou o Brasil no X Congresso do CIE realizado em Estocolmo/Suécia, em 1949. Durante esse Congresso ofereceu pela segunda vez o Brasil para sede do evento seguinte⁽⁵⁾.

Em 1948, Edith Fraenkel, eleita novamente presidente da ABED, passou a ser membro do Conselho Diretor do Conselho Internacional de Enfermeiras, da Comissão de Legislação deste mesmo Conselho. Importante salientar que Edith foi candidata a reeleição a presidente da ABEn, no Congresso da Bahia e, sofreu uma derrota. Houve acerto da Diretoria da ABEn para eleger Waleska Paixão. O que levou Edith a afastar-se da entidade por algum tempo⁽⁵⁾.

ASSOCIAÇÃO DE ENFERMAGEM DO URUGUAI

Edith Magalhães Fraenkel colaborou durante o ano de 1951 na reorganização da Associação de Enfermagem do Uruguai, tendo em vista a filiação desta no CIE. Nesse país ainda sugeriu medidas para melhoria das escolas de enfermagem^(9,21). Na ocasião manifestou sua impressão negativa sobre a entidade afirmando que a mesma "*não tem o padrão de ensino de todas as outras escolas*", o que no momento impediria a participação das Enfermeiras uruguaias no CIE. Havia enviado para aquele país três docentes da Escola de Enfermagem da USP para realizar cursos sobre Organização e Administração, também prepararam as enfermeiras destinadas a estágios, além disso, recebeu em São Paulo quatro docentes uruguaias para acompanhar as atividades dos professores da USP⁽¹⁶⁾.

ELA POR ELAS

A personalidade firme e com autoridade conferia a Edith muita admiração de seus pares, como Haydée Dourado, Maria Elena Nery, Amália Correa de Carvalho, entre outras, que se referem a ela com muito respeito e admiração.

(...) Edith com aquela sensatez e aquela atitude tão cabal de trabalhar, de exercer enfermagem autêntica, com esforço (...)⁽¹⁸⁾.

(...) figura impar, invulgar, de uma líder nata, enfermeira por vocação e escolha consciente, feminista por convicção, grande administradora, capaz de ser extremamente enérgica, autoritária, e ao mesmo tempo humana e branda, de acordo com as circunstâncias, e com o tipo de pessoas com as quais tratava (...)⁽⁶⁾.

(...) viajei no mesmo carro, com Dona Edith de São Paulo para Ribeirão Preto, quando chegamos percebi a autoridade dela, todos corriam para atende-la⁽²²⁾.

OUTRAS ATIVIDADES DE RELEVÂNCIA

São de difícil enumeração os cargos/atividades que Edith Magalhães Fraenkel desenvolveu ao longo de uma vida profissional rica em realizações, entretanto, alinhamos algumas, as quais, dentre muitas escolhemos como importantes. Quais sejam: de 1938 a 1946 foi membro

da Divisão de Educação da ABEn, que posteriormente se chamou Comissão de Educação e, atualmente se denomina Diretoria de Educação; 1949 Colaborou na reorganização da Escola de Enfermagem da UFBA Salvador-Bahia⁽¹⁶⁾; 1952 colaborou na criação de Escolas de Auxiliares de Enfermagem; 1953 Visitou os Estados Unidos a convite, frequentou cursos e realizou conferências nas Universidades e Escolas de Enfermagem daquele país sobre o sistema de ensino de enfermagem do Brasil; Realizou em Petrópolis, Rio de Janeiro, o XI Congresso do CIE em 1953; no ano 1954 instalou o curso de auxiliares de Enfermagem na Escola de Enfermagem da USP; 1956 Coordenou o Departamento de Ensino da Escola de Enfermagem Alfredo Pinto até o ano de 1961; 1965 presidiu a Comissão do Histórico da ABEn, atividade que desenvolveu até 1968, quando entregou a ABEn um documento de 160 páginas datilografadas contando a história da Associação até então. Informou que não considerava completo, que deveria ser complementado⁽¹⁷⁾; (O Histórico de Edith Magalhães Fraenkel) foi utilizado por Anayde Correa de Carvalho para realizar o Documentário da ABEn, publicado em 1976 por ocasião dos 50 anos da Associação. O relato original não foi encontrado, o que se conhece está em Carvalho, 1976) em 1967 reorganizou e dirigiu o serviço de enfermagem da Casa de Saúde e Maternidade Santa Maria na cidade do Rio de Janeiro, estava então com 78 anos⁽⁵⁾.

O RECONHECIMENTO DA CATEGORIA - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em 1957 a ABEn instituiu o prêmio Edith de Magalhães Fraenkel é patrocinado pela Escola de Enfermagem da USP/SP e diz respeito aos melhores trabalhos relativos "a pesquisa em enfermagem" apresentados no Congresso Brasileiro de Enfermagem⁽²³⁾. Este também foi o primeiro prêmio a ser criado pela ABEn. Encontramos o seguinte comentário feito pelas diretoras da ABEn no ano de 1959 com relação à descrição do prêmio: "poderão concorrer ao prêmio, com trabalhos de pesquisas, inéditos ou meritórios, que versem sobre centro cirúrgico, enfermeiras diplomadas que sejam membros ativos da ABEn"⁽²³⁾.

Recebeu significativa homenagem da ABEn- seção Guanabara, recebendo um prêmio de Johnson & Johnson Hospitalar, menção honrosa da enfermeira do ano de 1968. Em 2 de agosto de 1955 foi obrigada a pedir demissão da Diretoria da Escola de Enfermagem da USP e retornou ao Rio de Janeiro⁽⁵⁾. As circunstâncias de sua saída ficaram muito confusas, pois respondeu a processo administrativo que determinou seu afastamento do cargo e, logo sua aposentadoria. Pode-se sugerir que alguma interferência houve por parte dos novos governantes do estado de São Paulo e a relação de Edith com o governo que saía⁽¹⁰⁾. Edith foi acompanhada pela ABEn todo o tempo de sua transferência, segundo Irmã Tereza Notarnicola que foi responsável por trazer Edith de São Paulo para o Rio de Janeiro, inclusive a ABEn ajudou-a com assistência jurídica portanto, a ABEn esteve sempre presente, ao lado de Edith⁽²²⁾.

Este texto impregnado do olhar dos autores não pretende se configurar como uma verdade absoluta, mas sim, valorizar uma das personagens responsáveis pela consolidação da profissão de Enfermagem, via Associação Brasileira de Enfermagem, desde seus primórdios. O resgate da história de vida profissional de Edith Magalhães Fraenkel permitiu-nos estabelecer um itinerário da enfermagem neste período. Bem como reconhecer a centralidade desta personagem na enunciação de um discurso da enfermagem brasileira.

Faleceu em 5 de abril 1969, num sábado de Aleluia⁽²⁴⁾.

REFERÊNCIAS

1. Barreira IA, entrevistadora. Haydée Guanais Dourado (entrevistada). Rio de Janeiro: Pavilhão de Aulas da Escola de Enfermagem Anna Nery/UFRJ; 1986 nov 24. Entrevista concedida ao Acervo de História Oral da Enfermagem da Campanha Nacional contra a Tuberculose. CEDOC/EEAN.
2. Barreira IA, Sauthier J, Baptista SS. O movimento associativo das enfermeiras na primeira metade do século XX. Rev Bras Enferm 2001 abr-jun; 54(2): 157-73.
3. Barreira IA, Baptista SS. Haydée Guanais Dourado: carisma e

- personalidade a serviço de um ideal. *Rev Bras Enferm* 2002 maio-jun; 55(3): 275-92.
4. Bourdieu P. A economia das trocas simbólicas. São Paulo (SP): Perspectiva; 2001.
 5. Rodrigues AS. Edith de Magalhães Fraenkel vida e obra. João Pessoa (PB): 1985.
 6. *Revista Brasileira de Enfermagem*. Edith de Magalhães Fraenkel. *Rev Bras Enferm* 1963 out; 16(5): 411-14.
 7. Santos TC, Barreira IA. O poder simbólico da Enfermagem norte-americana na capital do Brasil. Rio de Janeiro (RJ): UFRJ; 2002.
 8. Carvalho AC. Associação Brasileira de Enfermagem-1926-1976-Documentário. Brasília(DF): ABEn; 1976.
 9. Carvalho AC. Edith de Magalhães Fraenkel. São Paulo (SP): Escola de Enfermagem/USP; 1992.
 10. Mancia JR. AABEn-RS e as enfermeiras assistenciais (dissertação). Florianópolis (SC): Programa de Pós-graduação em Enfermagem, Universidade Federal de Santa Catarina; 2002.
 11. Mancia JR, Padilha MICS. História da Enfermagem: a ABEn-RS e as enfermeiras assistenciais. Brasília (DF): ABEn; 2006.
 12. Mancia JR, Padilha MICS. La trayectoria de la Revista Brasileira de Enfermagem- REBEn70 anos. *Rev Panam Enferm* 2003 nov; 1(1): 85-9.
 13. Brasil. Decreto no. 20.109, de 15 de Junho de 1931. Regula o exercício da enfermagem no Brasil e fixa as condições para a equiparação das escolas de enfermagem. *Annaes Enferm* 1934 out; 2(5): 7.
 14. Padilha, M. I.C.S.; Vaghetti, H.; Brodersen, G. Genero e enfermagem: uma análise reflexiva. *Rev Enferm UERJ* 2006 maio; 14(2): 292-300.
 15. Borenstein MS, Padilha MICS, Caetano TL, Mancia JR. Hilda Anna Kirsch: pioneira na enfermagem catarinense - formação e contribuição. *Rev Bras Enferm* 2004 maio-jun; 57(3): 366-70.
 16. Carvalho AC. Escola de Enfermagem da universidade de São Paulo. Resumo histórico-1942-1980. *Rev Esc Enferm USP* 1980 ago; 14(supl): 1-271.
 17. Arone EM, Ferreira ETR, Canavezzi R, Chaccur MIB. Associação Brasileira de Enfermagem- seção São Paulo, notas sobre as contribuições para a enfermagem brasileira. *Rev Bras Enferm* 2001 abr-jun; 54(2): 364-81.
 18. Barreira IA, Becker RS, entrevistadoras. Haydée Guanais Dourado (entrevistada). Rio de Janeiro (RJ): ABEn; 1988 out 4. 3 fitas cassete (180 min).
 19. Burlamaque CS, Baptista SS, entrevistadoras. Ieda de Alentar Barreira (entrevistada). Rio de Janeiro; 2001 dez 4. 4 fitas cassete (210 min).
 20. Almeida Filho, AJ, Santos TCF, Baptista SS, Lourenço LHSC. Reunião de diretoras de escolas de enfermagem: um cenário de lutas simbólicas no campo da educação em enfermagem (1943-1945). *Texto & Contexto Enferm* 2005 out-dez; 14(4): 528-36.
 21. Puñales SS. Historia de la Enfermería en Uruguay. Montevideo: Ediciones Trilce; 2002.
 22. Mancia JR, Burlamaque CS, entrevistadores. Maria Elena da Silva Nery (entrevistada). Porto Alegre (RS); 2001 abr 13. 2 fitas cassete (130 min).
 23. Associação Brasileira de Enfermagem. Reunião de Diretoria. Livro de Atas n. III. Rio de Janeiro 1959 jun 20.p.77(verso).
 24. Edith de Magalhães Fraenkel. *Rev Bras Enferm* 1969 jan-jun; 22(1/2/3): 7-9.